

A (DES) ORDEM DO DISCURSO DE MAFALDA: Uma análise da mulher nas tirinhas de Quino

Liliana Alicia Lavisse Teixeira¹

Resumo

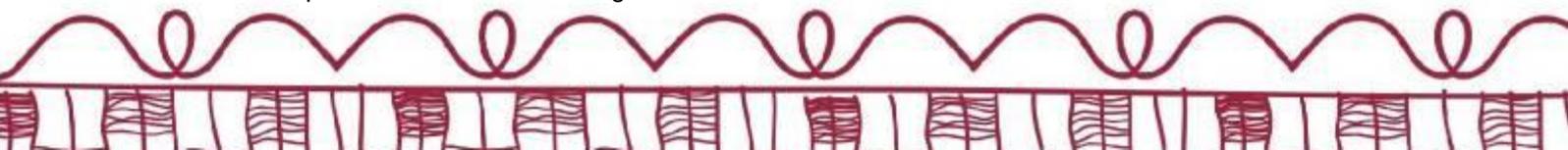
Este artigo apresenta reflexões discursivas sobre as tirinhas da personagem Mafalda, do cartunista Joaquim Salvador Lavado (Quino). Pretende-se, neste trabalho, verificar a (des) ordem que a personagem provoca no discurso estabelecido e sedimentado por séculos a respeito do papel da mulher na sociedade, construindo outros discursos através da linguagem dos quadrinhos, que se valem da imagem, da palavra, da crítica e do humor. Esta pesquisa baseia-se na linha teórica de Análise de Discurso, a qual serviu de orientação para a análise do discurso das tirinhas, objeto do presente trabalho.

Palavras-chave: Quino. Mafalda. Mulher. Discurso.

A Análise do Discurso coloca o leitor em estado de reflexão e permite uma relação menos ingênua com a linguagem. Essa relação não é inocente porque nem a língua nem o sujeito são transparentes. Considera-se que a linguagem é uma prática já que exercita sentidos e intervém no real. É necessário compreender que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, sendo a ideologia o fenômeno que faz a intermediação entre as duas, possibilitando a relação entre pensamento, linguagem e sociedade. Pela ideologia o sujeito cria sentidos e se significa. A ideologia assim pensada, a partir da linguagem, atua como mecanismo na estruturação da significação, ligada intimamente à interpretação e à história.

Diante desses pressupostos, o presente artigo apresenta reflexões sobre discurso e ideologia a partir do discurso de uma personagem denominada Mafalda, criada na década de sessenta, do século XX por um cartunista argentino chamado Joaquim Salvador Lavado (Quino). Apoiando-se na teoria da Análise do Discurso, de linha francesa, observa-se, nas tirinhas, como a mulher é representada em um contexto já

¹ Pós-graduanda em Estudos Linguísticos e Literários da Faculdade de Ciências Educacionais. Graduada em Letras na Faculdade de Ciências Educacionais (FACE)
E-mail para contato: liulteixeira@gmail.com



fortemente marcado pelos signos da pós-modernidade. Em vista disso, este trabalho pretende apresentar as singularidades da personagem Mafalda, vista nesta pesquisa como um elemento desordenador do discurso instaurado. Ao fazê-lo, acredita-se que ela constrói outro, novo, posto através de uma crítica bem humorada nos quadrinhos, nos quais o seu autor, Quino, dá-lhe elocução.

Através deste artigo, intenta-se verificar como as tirinhas de Quino refletem as inquietações da época, fazendo referência aos problemas da sociedade. Focaliza-se a análise na condição da mulher, visto que esta categoria fazia parte dos assuntos abordados pelo autor em um tempo em que se acreditava que o Terceiro Mundo e as mulheres conseguiriam reverter sua situação de submissão. A mulher fazia parte dos excluídos, já que sua atuação se limitava à vida privada sendo escutada unicamente nesse reduto familiar. A vida pública pertencia ao universo masculino, do qual a mulher era mantida à margem. Foi necessária muita luta para que o poder feminino conseguisse romper essas barreiras e promover transformações que mudariam para sempre a estrutura da sociedade.

Pretende-se, com este trabalho, divulgar o gênero textual das Histórias em Quadrinhos, que tanto permitem conhecer a realidade na sociedade, como também para fins cognitivos na formação e educação de jovens e adultos, configurando-se, assim, de grande valia nos Estudos Sociais, linguagem, comportamento e outros. Enfim, não apenas para conhecer melhor, mas também para refletir sobre esse gênero, as tirinhas de Quino com sua personagem singular, heroína de histórias do cotidiano, envolvem coragem e ousadia para denunciar e criticar os fatos da sociedade na qual vive. Assim, constitui-se em importante auxílio na formação crítica dos leitores de qualquer idade e por tudo isso, Mafalda é personagem digna de ser conhecida por todos.

Histórias em quadrinhos, Quino e a criação de Mafalda: Uma contextualização histórica.

Atualmente, as Histórias em Quadrinhos (HQ), representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Elas são um fenômeno universal ligado ao público infanto-juvenil, que atinge todas as idades. As HQ existem em todas as culturas nos quatro cantos do planeta e seus temas são variados podendo ser fantásticos, cômicos, sentimentais ou apenas textos voltados para o entretenimento, sem nenhuma intenção reflexiva.

Segundo Sonia Luyten (1989), nenhum gênero, do passado ou do presente, ultrapassou em quantidade a produção das Histórias em Quadrinhos. As suas origens remontam à moderna civilização europeia, onde as técnicas inovadoras de reprodução gráfica conseguiram unir satisfatoriamente o texto com a imagem. Mas foi nos Estados Unidos, no fim do século XIX, através das grandes empresas jornalísticas, que os quadrinhos conseguiram a autonomia, ganhando expressão própria. Eram chamadas de *comics* e tornaram-se fator principal da venda de jornais. Entretanto, este gênero textual não era considerado como uma manifestação artística, razão pela qual a academia não aceitava pesquisas cuja temática fosse voltada para as Histórias em Quadrinhos.

Depois da Segunda Guerra Mundial, as HQ enfrentam dois grandes problemas: a crise do papel e o lançamento de um livro chamado *Sedução dos inocentes (1954)* do Dr. Frederic Wertham, onde o autor faz críticas severas aos quadrinhos incutindo-lhes influência sobre a delinquência juvenil. Essa visão deturpada dos quadrinhos, só recobrará sua importância na década seguinte com o surgimento do quadrinho pensante.

É na década de 1960 que as HQ atingem seu ápice, quando os europeus redescobrem os quadrinhos, os quais invadem as universidades e os livros tidos como sérios. A relação dos quadrinhos com as crianças e os adultos passa a ser amplamente estudada e as pesquisas buscam provar a utilidade da linguagem das historietas no intelecto infanto-juvenil. O peso cultural europeu autorizou o reconhecimento da importância desse meio de comunicação internacional, quebrando barreiras e instaurando uma linguagem universal. As HQ que surgem apresentam temas sociais, os quais passam a ser um instrumento a mais nas lutas por um mundo melhor. Analisando essa função dos quadrinhos, Álvaro de Moya (1986) pontua:

Através do humor, do riso, da aventura, do heroísmo, das boas ações, do bem contra o mal, da luta pela justiça contra a injustiça, dos pequenos contra os fortes e poderosos, os quadrinhos lutaram para construir um mundo melhor e mais justo socialmente (MOYA, 1986, p. 08).

Dessa forma, percebeu-se que as Histórias em Quadrinhos poderiam ser utilizadas de forma eficiente para a transmissão de conhecimentos, desempenhando uma função utilitária e não apenas para entretenimento. Com isso, os quadrinhos superaram a crise do papel e muitas outras, como as imposições dos sindicatos responsáveis pela produção e distribuição das obras no mercado. A partir de então, muitos artistas se revelaram e fundaram seu próprio movimento.

Na década de 1970, contextualizada em uma sociedade pós-moderna, marcada pelo signo de ruptura, as personagens das HQ vão refletir as relações sociais vigentes. Aparecem as heroínas, como reflexo dos movimentos feministas, mostrando que as HQ acompanhavam os fenômenos sociais, tal qual qualquer produção artística. Nelly Novaes Coelho (2000), relacionando esse gênero textual com a produção literária infantil, pontua que na literatura infantil/juvenil, surge uma tendência de se substituir o herói individual, infalível, “[...] por personagens questionadoras das verdades que o mundo adulto lhes quer impor”. (COELHO, 2000, p. 24). Muitos escritores, atentos às mudanças, exploraram a nova temática de forma variada.

É em meio a essas profundas mudanças na forma de produzir quadrinhos, que surge na Argentina um desenhista e cartunista de grande talento chamado Joaquín Salvador Lavado, conhecido pelo apelido de Quino, que cria uma personagem com esse perfil questionador, chamada Mafalda. Em primeira instância, essa personagem aparece em 1962, para atender um pedido publicitário de uma empresa de eletrodomésticos chamada *Mansfield*, com a especificação de que todos os personagens deveriam ter o nome começado com a letra “M”. Quino lembra-se de um filme chamado *Dar la cara*, baseado no romance de David Viñas, onde aparece um bebê chamado Mafalda, e acha esse nome simpático e expressivo, adotado-o para sua personagem principal. Entretanto, a campanha publicitária fracassa e o projeto de Mafalda é arquivado.

Mais tarde, Quino retoma a ideia da menina atrevida quando seu amigo, Julián Delgado, diretor de um semanário importante chamado *Primera Plana*, solicita uma colaboração regular. Mafalda estreia como tirinha no dia 29 de setembro de 1964. Depois as tiras são publicadas no jornal *El Mundo*, muito lido em Buenos Aires, e também em jornais do interior. Em 1966, começa o *boom* de Mafalda, com a publicação de um álbum antes do natal, cuja tiragem se esgota em doze dias. Nos vinte anos seguintes, dez álbuns em língua espanhola são lançados e reproduzidos milhares de vezes, até ultrapassar as fronteiras e ganhar o mundo.

No Brasil, Mafalda surge pela primeira vez em uma revista de pediatria e pedagogia. Na década de 1970, as tirinhas apareceram em livrinhos em formato tablóide, que eram publicados livremente apesar da censura da ditadura. Acredita-se que a explicação para essa liberação se devesse ao fato das autoridades não considerarem perigosas as histórias em quadrinhos, que eram vistas apenas como um desenho para crianças. A tradução era feita por Henfil², que de forma engenhosa, respeitava as

² Cartunista mineiro (1944-1988) criador de conhecidos personagens de quadrinhos no Brasil.

particularidades do pensamento e linguagem originais, adaptando-os ao jeito brasileiro. Mais tarde, aparecerão várias traduções dos álbuns, culminando com o lançamento do livro *Toda Mafalda (1991)*, contendo os dez álbuns juntos. A tirinha foi traduzida em vários idiomas e países, começando pela América Hispânica, seguindo-se Brasil, Portugal, Espanha, Itália, Austrália, Japão, Finlândia, Alemanha entre outros.

Em 1973, Quino toma a decisão de parar a criação de Mafalda alegando ter esgotado o discurso e temendo se tornar repetitivo. Essa decisão do autor causou reações de estranheza e tristeza em muitos leitores que haviam se tornado fãs dessa personagem diferente, por divertir a todos com seu humor inteligente e suas reivindicações. Muitos desses leitores pensaram que seria o fim da personagem, que talvez pudesse ser esquecida para sempre. Não foi o que aconteceu. Mafalda havia adquirido vida própria e se tornado precursora do pensamento feminista no mundo.

A emergência da expressão feminina na luta pelo protagonismo histórico-social.

A partir da década de 1960, as mulheres saíram às ruas para exigir espaços no sistema produtivo. De acordo com Muraro e Boff (2002, p.179), neste período, as mulheres “passam a emergir como sujeitos da história em um mundo tecnologicamente avançado, trazendo sua lógica para dentro do sistema econômico masculino.” Elas perceberam que seria preciso mudar a tática das feministas para se igualar aos homens e adotam uma nova estratégia: trazer a lógica feminina para dentro da lógica masculina.

Fazia-se necessária uma busca pela igualdade pautada no respeito às diferenças. Diferença é vista aqui como um aspecto positivo na constituição de homens e mulheres, responsáveis pela formação humana e estabelecimento das identidades. Com o feminismo, a mulher adquiriu uma identidade autônoma desvinculada da autoridade patriarcal. Muitas mulheres foram configurando uma nova identidade com a ajuda de outras, fortes e vanguardistas que tomaram para si a tarefa de mudar seu papel na sociedade, para sempre. Nesse sentido, Stuart Hall (1999), estudioso da sociedade pós-moderna, corrobora para a compreensão da luta das mulheres pela construção de um mundo mais justo, à medida que apresenta a nova sociedade em termos de ruptura com tradições sedimentadas no passado:

As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e

abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável ao mundo social (HALL, 1999, pg.7).

Hall se debruça especialmente no impacto do feminismo, como sendo parte dos novos movimentos sociais que se manifestaram durante os anos sessenta, como as revoltas estudantis, juvenis, contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis e os movimentos pela paz. Esses movimentos apelavam para a identidade social, e o feminismo, apelava para um novo papel da mulher na sociedade e por uma identidade própria, diferente da que lhe coubera até então.

De acordo com Hall (1999), o que marca a década de 1960 é a preocupação com os grupos minoritários, transformando de alguma forma as culturas de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade, as quais eram consideradas como estruturas sólidas no passado. Essas transformações mudaram também as identidades dos indivíduos abalando as estruturas. A luta da mulher por um espaço diferente na sociedade mostrou sua necessidade de tomar o discurso silenciado por séculos pela autoridade masculina.

Voltando para as HQ, observa-se que Juan Salvador Lavado, Quino, coloca voz em uma pequena de seis anos de idade com a clara intenção de se fazer escutar sem ser punida pelas forças da ordem política que dominava a Argentina naquele momento. A sua personagem, Mafalda, chega com os olhos abertos para o mundo, para abrir a boca, criticar e denunciar as mazelas da sociedade e o papel em que a mulher está inserida, proferindo um discurso que desbarata estruturas tidas como sólidas para construir outro, na sua fala questionadora.

O discurso de Mafalda à luz da análise do discurso: a mulher em foco

Observa-se, no discurso de Mafalda, a existência de um narrador que o tempo todo critica a sociedade através da personagem. Para tanto, Mafalda fala provocando desordem no discurso instaurado e sedimentado durante séculos a respeito do papel da mulher. Segundo Dislene Cardoso (2006), “Analisar o discurso é perceber que os indivíduos são resultados dos vários discursos produzidos pela sociedade”. Nesse meio circulam discursos carregados de ideologias e de significados que darão origem a outros inúmeros discursos novos e diferentes.

A Análise do Discurso (AD) que se propõe fazer aqui é aquela que faz parte da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes no texto. A AD é um método para analisar, refletir sobre o discurso que

coloca a linguagem em funcionamento e não deve ser confundido como interpretação. A respeito deste assunto, ninguém melhor do que Eni Orlandi quando afirma que:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico [...] Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2009, p.26).

Percebe-se assim que a Análise do discurso vai além da interpretação já que busca compreender como o objeto simbólico observado produz sentidos. A interpretação representa apenas uma parte da análise, um primeiro passo no caminho de aprofundar no texto explorando-lhe os muitos significados. A língua é considerada como a única produtora de sentidos, carregada de significados, necessária para exprimir ideias. Apesar de ser sistema comunicativo por excelência, há outros sistemas que também produzem sentido, tais como as imagens, que são formas não verbais. O sentido que a Análise do Discurso procura é aquele que é construído, produzido no processo de interlocução. Por isso, o único modo de fazer o discurso funcionar é pela intervenção do sujeito, que nele coloca sua subjetividade.

Dentre os sistemas não verbais, de acordo com Sarmiento (2006), a história em quadrinhos é uma narrativa visual que, normalmente expressa a língua oral e apresenta um enredo rápido, empregando somente imagem ou imagem associada à palavra. Predominantemente, as HQ utilizam a linguagem das imagens e das palavras. As imagens têm um comportamento parecido ao mundo das palavras. “O silêncio não fala, o silêncio significa, não é vazio”, afirma Eni Orlandi (2007, p. 68). As imagens se comportam de maneira idêntica. Há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação.

Mafalda tem vários discursos que poderiam ser objeto de análise, como a televisão e a controvérsia de opiniões sobre esse novo (para a época) meio de comunicação de massa. Com frequência, critica os maus governos e seus representantes, as dificuldades para a promoção da paz em um mundo que vivia em guerra, dentre outros fenômenos político-sociais. No entanto, o discurso que mais se destaca, por causa da temática contextual dos anos de 1960, é o que aborda o papel da mulher na sociedade. Mafalda coloca sua mãe, como alvo principal de observação e de críticas, em

virtude da atitude submissa e totalmente entregue à própria sorte de dona de casa. Na



tirinha abaixo, acontecem cenas representativas desta situação:

Nessa tirinha, Mafalda demonstra a opinião que tem da mãe, ao considerá-la medíocre por ter abandonado os estudos para assumir o papel de boa mãe e esposa. Está em evidência o valor da educação como item essencial para que a mulher tenha chance de mudança. Mafalda acredita no estudo como meio de romper com o estereótipo da mulher preparada para afazeres domésticos. É tudo que Raquel faz durante o dia, repetindo a dura e entediante rotina cotidiana, à qual ela acrescenta cuidar de sua aparência pessoal. Poderia ter escolhido outro caminho, já que estudava piano e estava na faculdade. No entanto, decidira abandonar tudo para casar e ser dona de casa totalmente entregue a esse papel, de maneira cordata e sem questionamentos. Com essa atitude, ela está repetindo o estereótipo da mulher calcada no século XIX.

Na tira exemplificada, vê-se ainda que Mafalda observa a mãe, arrumando o uniforme que irá usar pela primeira vez para ir à escola. É comum, nesse momento crucial da vida de uma criança, vivenciar problemas de adaptação que costumam ser estressantes. A criança, de maneira geral, não quer sair de sua casa, deixando o aconchego de seu lar para se aventurar em um ambiente desconhecido, com pessoas alheias ao seu mundo. Mafalda não pertence a esse tipo de criança. Ela quer aprender a ler para compreender o mundo em que vive e sonha com a escola. Imagina que a mãe está preocupada com ela e para reconfortá-la, lhe diz que quer ir ao jardim de infância, colégio, universidade para não ser uma mulher frustrada e medíocre igual a ela.

Na tirinha, primeiro Mafalda diz uma verdade e depois utiliza a ironia como ingrediente principal, confirmando a ideia de que não acredita no mundo dos pais, não quer repetir esse modelo porque não gosta dele. Critica, ironiza e ridiculariza esse papel que ela não quer assumir. A ironia é um instrumento que o autor utiliza para compor o humor que ultrapassa a comicidade, leva a refletir sobre esse discurso aberto, no qual há uma mensagem de contestação, revolta e que clama por mudanças.

Junto com as palavras carregadas de sentimento do contrário, há ruptura e choque que são complementados pelas imagens das duas personagens participantes da tirinha. É interessante observar os gestos, as expressões dos rostos, a mão na boca, denotando que a personagem está pensando em voz alta. O balão utilizado é de fala e não de pensamento, que seria feito com linha tracejada. A imagem final é de uma mãe vencida, atingida pelas palavras cortantes e afiadas da filha, que sai com cara feliz, pensando ter solucionado o problema e reconfortado a mãe. A ironia está presente na última cena da tirinha, no sentido de que há um deslocamento contextual, quando se espera um tipo de comportamento da personagem e ocorre outro totalmente inesperado. Seria comum um filho do século XXI ter essas saídas e surpreender as pessoas, mas na década de sessenta, do século XX, esse tipo de criança era inédita e colocá-la numa revista chamava a atenção. Era isso que Quino queria e teve sucesso nesse campo. Chamou a atenção dessa massa de mulheres vencidas e conformadas com sua sorte. No processo histórico de redefinição do papel feminino ao longo da segunda metade do Século XX, houve mulheres que se libertaram das amarras e ganharam o mundo, houve e há as que se agarram com unhas e dentes aos antigos modelos e insistem em repetir o papel de suas mães e avós.

Na tirinha seguinte, Mafalda escuta atentamente o que diz sua amiguinha Susanita e novamente evidencia os estereótipos femininos:



Susanita é uma representante dessas mulheres que querem continuar repetindo antigos padrões da condição imposta à mulher pela sociedade. Ela expõe o maior de seus anseios, que é casar e ser mãe. A personagem é fútil e totalmente alheia aos problemas do mundo, que ela deixa para os homens, dos quais fala de forma sarcástica. Considera ser tarefa deles o sustento da família e a obrigação de providenciar tudo que é necessário para tal fim. Esse papel aceito pela mulher representada pela personagem resulta-lhe cômodo, no sentido de que ela não precisa lutar no mundo do trabalho, conhecer a vida que se move fora das portas do lar. Na sua vida limitada pelas quatro paredes, acostuma-se às futilidades e às fofocas.

Susanita é fofqueira e frequentemente despreza seus colegas, menosprezando a posição social deles, o que seus pais ganham e o que têm em casa. Em outras ocasiões, ela fala com Mafalda sobre o prazer de servir ao marido e aos filhos e de não querer estudar. Mafalda tenta demover sua amiga dessa postura, mostrando-lhe o outro lado, as mudanças e o novo papel que a mulher pode desempenhar. Esse esforço é mostrado na tirinha abaixo, em cenas entre as duas amigas:



Mafalda tenta, sem sucesso, incutir na cabeça da teimosa amiga as mudanças que estão acontecendo na vida das mulheres. Susanita mostra uma situação de alienação em que a personagem se mantém à margem da realidade. Só enxerga o que lhe interessa. Vive em um mundo de sonho de pequeno-burguesa, prendendo-se a futilidades. O contraste é notável, configurando uma crítica a esse tipo de mulher que a amiguinha de Mafalda personifica. Note-se aqui o recurso usado por Quino, a ausência da boca (no 3º quadrinho), sugerindo sentido ao silêncio da garota que, no caso, remete o leitor ao grau de estupefação diante da impermeabilidade de Susanita ao seu discurso de mudanças. Nesse caso, o silêncio não é vazio (ORLANDI, 2007), mas carregado de sentidos. Para o quadrinheiro, a ausência do traço característico da expressão oral, circunstancia o não dito como o silêncio que significa, deixando ao leitor o deleite de adivinhá-lo, no conjunto dos demais traços expressivos do rosto de Mafalda. Somente um gênero como as HQ, pode valer-se de um discurso com tal eloquência e singularidade.

A amiguinha Libertad e sua mãe, que é tradutora, rompem esse padrão de representação, mostrando uma nova visão dos papéis do homem e da mulher. A mãe de Libertad estudou Francês e contribui com o orçamento familiar traduzindo livros. Na próxima tirinha, aparece essa personagem partícipe da turma de Mafalda:



Mafalda passa a admirar a mãe de sua amiga e a escolhe como modelo para sua vida. Esta diz que quer ir para a universidade e que trabalhará na ONU (Organização das Nações Unidas). Mudanças de perfis, como a da tirinha acima, foram muito lentas, conquistadas com luta e também com humilhações. Por muito tempo a mulher sujeitou-se a ganhar menos que o homem, constituindo um complemento na renda familiar, uma “ajuda” no orçamento. Seu trabalho limitou-se a desempenhar funções entendidas como tipicamente femininas: professoras, empregadas domésticas, cozinheiras, costureiras, cabeleireiras, parteiras, entre outras. Por outro lado, a mulher se viu sobrecarregada, acumulando as funções que lhe couberam desde sempre, sendo esposa, mãe e dona de casa, com a nova função fora do lar. Teve, então, que se virar em duas para dar conta dos papéis acumulados e embrenhou-se em uma nova batalha: a de conseguir a ajuda do companheiro para dividir as tarefas de casa. Na tirinha abaixo, Felipe expressa o que o homem da época pensava a respeito das tarefas domésticas:



Os homens foram educados através dos séculos para passar longe da cozinha, da vassoura e de tudo que significasse ocupações inerentes às mulheres. Com as mudanças na ala feminina, sofreram as consequências sendo o principal alvo a ser atingido. Além de abandonados a um segundo plano, foi difícil para eles enfrentar todas as novidades que se seguiram. Dividir com as mulheres tarefas domésticas expunha-os ao ridículo e fazia-os sentirem-se diminuídos, poderiam até serem considerados homossexuais pelos outros homens, inclusive por algumas mulheres. Foi preciso empenhar muita luta, bem

como paciência e perseverança por parte das mulheres para, depois de muito tempo, poder avançar alguns poucos passos nesse sentido. Atualmente, homens de diferentes idades e classes sociais dividem de alguma forma as responsabilidades da rotina doméstica e as mulheres continuam perseverantes porque a luta ainda não acabou.

Uma última tirinha mostra que, apesar de ter outros objetivos primordiais, Mafalda também pensa em ser mãe, ainda que isso seja entendido somente como um instinto e não como um desejo:



A ironia de Mafalda faz pensar que ser mãe é algo do qual nenhuma mulher pode escapar. Uma espécie de sina puramente instintiva. Deixa claro que essa possibilidade será atendida somente quando todos os outros planos que ela fez forem cumpridos. Felipe demonstra conhecer muito bem sua amiga Mafalda, sua maneira de pensar e sua ideologia.

Sabe-se que, durante séculos, as mulheres foram preparadas para o acontecimento mais importante de suas vidas: casar. Recebiam aulas de boas maneiras, culinária, bordado e costura e algo de arte e de economia para saber administrar bem o lar. Aos poucos, esse evento, o casamento, foi perdendo espaço e deixando lugar para outro, que agigantou seu tamanho em importância e brilho: a formatura. A mulher que Mafalda quer ser se encaixa nessa nova proposta. Ela desconstrói os velhos paradigmas para criar outro, no qual acredita, e por isso defende à viva voz.

Considerações finais

O discurso de Mafalda representa um discurso polêmico, que afronta aquele outro discurso predominante, o autoritário. Ela fala dos problemas do mundo dos anos sessenta, e de maneira especial, aborda o tema da mulher, refletindo uma geração feminina inquieta e revoltada com os padrões tradicionais. Uma análise feita nos dias de hoje, mostraria um quadro nem pior nem melhor, apenas semelhante, com alguns conflitos diferentes e outros similares. Desde os seus primórdios, a humanidade vive

envolvida em guerras e lutas, que caracterizam o comportamento agressivo do ser humano, por trazer, em si, a semente da discórdia.

Acerca disso, em entrevista feita em 2009, na cidade de Lima, Peru, Quino expressou sua surpresa a respeito do sucesso e do interesse pelos assuntos abordados, apesar dos quarenta anos já transcorridos. Ele alega que esse fato talvez se deva a que muitos problemas sociais não foram solucionados e alguns estão piores, para grande tristeza e prejuízo da sociedade. Dentro desse panorama de transformações, muitas delas negativas, a mulher conseguiu fazer a diferença. Ela, sim, mudou seu papel e também a configuração de toda a sociedade tradicionalmente voltada para o protagonismo masculino.

Esse cartunista tímido e pacato colocou voz na sua personagem Mafalda para questionar a realidade imperante, conseguindo evidenciar a verdadeira situação do papel da mulher da década de sessenta, do século XX. Mulheres de todas as idades, especialmente as da classe média, foram influenciadas pelas tirinhas aparentemente inocentes, que pareciam ter sido criadas somente para divertir os leitores com seus “absurdos”. Até não aparecer outra personagem tão corajosa como Mafalda, mais pessoas precisam ler as tirinhas de Quino, com suas abordagens universais e, por isso, atuais. As Histórias em Quadrinhos, tão desprestigiadas em certo período, precisam ser valorizadas, sobretudo pela Escola, pois servem como instrumento para conhecimento da sociedade de uma época, além de se constituírem em um gênero textual de grande relevância para a formação de leitores críticos.

No tocante à emergência da mulher ao seu protagonismo histórico-social, há quem alegue que a família perdeu muito com a sua ascensão à vida pública. Talvez seja verdade. Os filhos perderam aquela guardiã zelosa e única e as famílias tiveram que procurar novas estruturas para acomodar-se à novidade de tê-la enfrentando a vida lado a lado com o homem. Como se não bastasse a jornada dupla, ela sentiu o peso da culpa por deixar os filhos em mãos estranhas. Enfim, houve perdas e ganhos, mas, com toda certeza, não haverá volta. A mulher mostrou sua capacidade e nunca mais deixará de caminhar em prol de novas conquistas. A sociedade, a família e a própria mulher terão que adequar-se e talvez essa busca por novos caminhos seja a solução para os muitos e velhos problemas do planeta. Espera-se que, homens e mulheres, juntos, aproveitando melhor o potencial feminino, busquem o equilíbrio nas relações pessoais e sociais, valorizando as emoções e os sentimentos. Certamente, o discurso de Mafalda consistiu

num dos alicerces dessa nova sociedade que ora se configura em novos e promissores padrões de humanização.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

BRITO, Dislene Cardoso de. **Carta pras Icamiabas: a (des) construção da ordem do discurso** (Artigo). UNEB. 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 13 ed. São Paulo: Contexto, 2005

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAVADO, Joaquim Salvador. **Mafalda Inédita**. Buenos Aires, República Argentina. Ediciones de La Flor S.R.L. 1988.

_____. **Toda Mafalda**, da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em Quadrinhos, leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.

MOYA, Álvaro. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed., Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1992.

_____. (org). **O discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.** Campinas: Pontes, 1993.

_____. **A Linguagem e seu Funcionamento: As formas do discurso.** 5 ed., Campinas, SP: Pontes, 2009.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de redação.** 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.